

Infelizmente, a tradição consagrou, que os políticos brasileiros usam as palavras como blombos, nos quais escondem suas idéias. Há um nefasto folclore político que privilegia a versão sobre o fato e considera o homem franco um eterno condenado ao ostracismo. A evasiva, a mentira e a hipocrisia, pêccados mortais na convivência humana, são consideradas virtudes nesse mundo vesgo em que se pretende representar a sociedade como num espelho. Nesse ambiente de contrários, o estreante parlamentar Guilherme Afif Domingos, do PL de São Paulo, tem mostrado a originalidade de despir suas idéias em público cada vez que usa as palavras. Suas frases não são máscaras.

Agora, ele denuncia que a forte tendência estatizante expressa pela quase totalidade dos relatórios das subcomissões do Congresso Constituinte, preparados por políticos indicados pela liderança do PMDB, demonstra a contaminação desse partido e de outros grupos políticos de esquerda pelo "fascismo corporativista". Com isso, o ex-presidente da Associação Comercial de São Paulo não apenas desnuda uma opinião sua, gesto raro na política nacional, mas também expõe uma verdade que muitos temem ou fingem não ver. Toda essa parafernália ultra-esquerdista, que impregna o pensa-

mento estatizante, hegemônico nas idéias dos relatores indicados por Mário Covas, é inspirada nos mesmos ideais sobre os quais se erigiu o Estado Novo em 1937, ideais, por sua vez, herdados do pensamento fascista, aqueles que transformaram Benito Mussolini numa moda internacional nos anos 30 deste século.

Mas a denúncia de Guilherme Afif Domingos não atinge apenas a lembrança do Estado fascista-corporativista que os militares, tendo Getúlio Vargas como fachada, fizeram prevalecer no Brasil até a derrota de nazistas e fascistas na Segunda Guerra Mundial, na Europa. O constituinte do PL esclarece também que os constituintes de 1948 não tiveram coragem de rever a estrutura do Estado no Brasil, porque tal revisão significaria mexer nos alicerces do getulismo.

Infelizmente, não apenas o deputado tem razão, como também ele próprio testemunha a repetição da mesma fraqueza de princípios na Constituinte de 1987, pelos mesmos motivos e pela mesma herança fatal que tornaram o "Estado fascista e corporativista" de 1937 um cadáver insepulto na letra da Constituição de 1946. Hoje, como antes, a maioria dos constituintes é de liberais, políticos moderados, eleitos maciçamente pela centrista e pacífica população brasileira. Mas hoje, como antes, falta a estes

políticos a coragem política de enfrentar grupos minoritários, financiados por ideologias sectárias e armados por preconceitos, que usam como se fossem metralhadoras giratórias.

Em nome de uma xenofobia cega e estéril, consagra-se o princípio da reserva de mercado, que só vai servir para condenar a indústria brasileira ao atraso tecnológico. Sob o peso do argumento das desigualdades sociais, pretende-se extinguir o primado da liberdade de iniciativa na fixação do regime econômico. A produtividade agrícola não é considerada pelos legisladores que vão fixar os parâmetros da reforma agrária. Os defensores dessas idéias esdrúxulas pretendem-se defensores do socialismo e da utopia comunista da igualdade entre os homens. Mas são apenas herdeiros do fascismo corporativista de Benito Mussolini, adaptado ao caudilhismo gauchesco de Getúlio Vargas e seus mais notórios herdeiros, do hesitante Jango Goulart ao tiranete Leonel Brizola.

Afif Domingos, consciente da farsa que é a falácia populista que habita os corredores do Congresso, em Brasília, como um fantasma malfazejo, lembra que o ditador do Estado Novo, Getúlio Vargas, abandonou seu ídolo, Benito Mussolini, ante a evidência da vitória dos aliados na Segunda Guerra.

Mas jamais reviu o arcabouço fascista-corporativista que induziu o crescimento exagerado do Estado na economia brasileira, exacerbado, aliás, durante o período autoritário instaurado pelo regime militar de 1964.

Ao que se assiste agora na Constituinte é a vitória da aliança espúria entre militares, fascistas e nacionalistas com os grupos xenofobos da ultra-esquerda, compostos por ex-guerrilheiros enralvecidos, empresários falidos e eternos líderes estudantis que nunca estudaram e nada aprenderam. Aliás, o deputado definiu muito bem esse pacto de minorias oligárquicas, quando disse: "A direita mamou até agora e a esquerda conquistou o privilégio, que não quer perder, de continuar mamando sem mexer nas tetas do Estado criado por este grande gênio político que foi o pai dos pobres e a mãe dos ricos".

A nação brasileira, impotente diante de tão grotesco espetáculo, só tem esperanças de que, ao contrário do que aconteceu em 1948, a maioria liberal consiga vencer o medo e assuma o controle sobre o processo da confecção da Carta Magna, não consagrando os princípios impressos pelos relatores de Mário Covas e pondo fim à aventura "fascista-corporativista" de uma República que não pode pretender ser apenas a seqüência do Estado Novo.